

AGATHA  
CHRISTIE

*A Primeira Dama do Crime*

Noite sem fim



# AGATHA CHRISTIE

## NOITE SEM FIM

Tradução de SIZÍNIO RODRIGUES

**Título original ENDLESS NIGHT**

Copyright © Agatha Christie Ltd. All rights reserved

Copyright desta edição DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A., 1987  
Publicado sob licença da EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Direitos desta edição  
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.  
Rua Argentina 171 — 20921 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 580-3668

Impresso no Brasil

Distribuição exclusiva para bancas de jornais  
FERNANDO CHINAGLIA DISTRIBUIDORA S.A.  
Rua Teodoro da Silva 907 — 20563 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 268-9112

Da capa do livro:

## Noite sem fim

Esta é mais uma extraordinária e emocionante história produzida pela grande mestra da literatura policial.

Na trama de *Noite sem fim*, ressaltam, em sua plenitude, os dotes de grande sutileza e interpretação de Agatha Christie.

A crescente atração de Michael Rogers por Fenella Goodman e a narrativa desse amor e de seu infeliz destino constituem o ponto de partida deste drama, que culmina na revelação de um crime monstruoso.

*A Nora Prichard*, de quem, pela primeira vez,  
ouvi a lenda do Campo do Cigano.

# Índice

Livro Primeiro .....	6
I.....	7
II .....	13
III .....	17
IV .....	22
V .....	27
VI.....	36
VII .....	40
VIII.....	43
Livro segundo.....	47
IX.....	48
X.....	55
XI.....	70
XII .....	77
XIII .....	82
XIV .....	86
XV .....	96
XVI.....	106
XVII.....	114
XVIII .....	121
Livro Terceiro.....	123
XIX.....	124
XX .....	128
XXI.....	136
XXII.....	142
XXIII .....	148
XXIV .....	159

## Livro Primeiro

# I

ACABO ONDE COMEÇO... Eis uma citação que tenho ouvido com freqüência. Soa bem, mas, na realidade, que significa?

Existe, porventura, um lugar determinado para onde se possa apontar, dizendo: "Tudo começou naquele dia, em tal momento e lugar, com tal acontecimento?"

Minha história talvez tenha começado quando vi, pendurado na parede do George and Dragon, um cartaz anunciando a venda em leilão da valiosa propriedade, denominada As Torres; dando informações minuciosas acerca da área, dos quilômetros e metros e mostrando fotografia, altamente beneficiada, de As Torres, como possivelmente tivesse existido, de início, há cerca de oitenta a cem anos.

Eu não estava fazendo nada de especial, mas apenas matando tempo, a passear pela rua principal de Kingston Bishop, lugar sem a menor importância. Notei, então, o anúncio do leilão. Por quê? Cumprir seu infeliz destino? Ou dar um aperto de mão de boa sorte? Podia-se considerá-lo sob qualquer desses dois prismas.

Dir-se-ia, talvez, que tudo começara quando conheci Santonix e no curso da conversação que com ele mantive. Posso, de olhos fechados, ver-lhe as rosadas maçãs do rosto, os olhos excessivamente brilhantes e o movimento de suas mãos, fortes, mas delicadas, que se estendiam para desenhar plantas e projetos de casas, especialmente uma casa tão bela, que seria maravilhoso possuí-la!

O anseio por uma casa, bela e vistosa, como jamais esperava possuir, despontou em minha vida naquele instante. Era um sonho feliz, partilhado entre nós dois, a casa que Santonix construiria para mim... se vivesse tempo suficiente...

Uma casa em que, no meu sonho, viveria com a mulher amada e onde, como nos tolos contos infantis, juntos ficaríamos "felizes para sempre". Tudo isso não passava de fantasia, pura insensatez, que, no entanto, em mim despertou aquela onda de anseio: ânsia por alguma coisa que provavelmente jamais teria.

Ou, sendo esta uma história de amor — e juro que o é — então, porque não principiar no lugar onde, pela primeira vez, avistei Ellie, de pé entre os escuros pinheiros do Campo do Cigano.

Campo do Cigano. Sim, talvez por aí deva começar, no momento em que

me afastei do anúncio do leilão, ligeiramente arrepiado porque uma nuvem negra tapava o sol, e, descuidadamente, fiz uma pergunta a pessoa do local, que, de maneira desordenada aparava uma cerca nas proximidades.

— Que tal essa casa, As Torres?

Tenho ainda na memória a estranha expressão do velho, que, olhando de banda, respondeu:

— Não é assim que nós daqui a chamamos. Que espécie de nome é esse?

— ele riu às gargalhadas em sinal de desaprovação. — Já faz muito que moradores dali a chamavam As Torres — e tornou a rir.

Perguntei então, como e/e a chamava, e seus olhos, encravados no velho rosto enrugado, de mim novamente se desviaram, à estranha maneira da gente do campo, que não fala diretamente com as pessoas, mas olha de banda, por sobre os ombros, como se estivesse a ver coisas que os outros não percebem. E respondeu:

— Aqui a chamam Campo do Cigano.

— Por que esse nome? — perguntei.

— É uma espécie de lenda. Não sei ao certo. Um diz uma coisa, outro diz outra — prosseguiu. — Seja como for, é ali que ocorrem os acidentes.

— Acidentes de automóvel?

— Acidentes de todo gênero. Hoje em dia, são principalmente acidentes de automóvel. A curva é muito fechada.

— Bem — disse eu, — se se trata de uma curva fechada é de prever que nela ocorram acidentes.

— O Conselho Rural colocou ali um sinal de perigo, porém não adiantou. De nada valeu. Os acidentes continuam como dantes.

— Por que Cigano? — perguntei.

O olhar dele se desviou de mim e a resposta foi vaga.

— As lendas variam. Segundo dizem, aquilo já foi terra de ciganos, que, expulsos, sobre ela lançaram uma maldição.

Dei uma gargalhada.

— É verdade — disse ele, — pode rir quanto quiser, mas o fato é que existem lugares amaldiçoados. Vocês, gente convencida da cidade, não os conhecem. Mas, sem dúvida, há lugares que são amaldiçoados, e sobre aquele pesa uma maldição. Houve gente que morreu na pedreira ao tirar pedras para construção. Uma noite, o velho Geordie caiu da cerca lá existente e quebrou o pescoço.

— Bêbado? — indaguei.

— Talvez estivesse. Não nego que gostasse de um trago. Mas há muitos bêbados que caem — quedas perigosas — sem sofrer nenhuma lesão permanente. Geordie, no entanto, quebrou o pescoço. Foi ali — e apontou para a colina coberta de pinheiros que se achava atrás — no Campo do



Cigano.

Sim, foi desse modo, creio eu, que a coisa começou. Não lhe dei, naquela época, maior atenção. Só agora me estou lembrando. Nada mais que isso. Penso, e isto quando raciocino devidamente, que eu a criei um pouco em meu espírito. Não sei se foi antes ou depois que perguntei se ainda havia ciganos na redondeza. Ele me respondeu que, hoje em dia, não existem muitos ciganos em parte alguma. A polícia sempre os forçava a se irem embora, disse ele. Então, indaguei:

— Por que ninguém gosta de ciganos?

— Constituem um bando de ladrões — respondeu em tom de condenação. E olhando-me com mais atenção, perguntou: — Será que o senhor tem sangue cigano? — insinuou, encarando-me com severidade.

Respondi que, de meu conhecimento, não. Tenho, é verdade, uma certa aparência de cigano. Talvez fosse essa a razão de me fascinar a denominação de Campo do Cigano. Enquanto lá me encontrava, retribuindo o sorriso dele, divertindo-me com a nossa conversa, pensei comigo mesmo que talvez possuísse um pouco de sangue cigano.

Campo do Cigano! Subi pelo caminho sinuoso que partia da aldeia, embrenhei-me por entre as árvores escuras e cheguei, finalmente, ao alto da colina, para contemplar o mar e os navios. A vista era maravilhosa e pensei, como alguém pensa nessas coisas: que tal se o Campo do Cigano fosse meu? Nem mais, nem menos. Tratava-se apenas de uma idéia ridícula. Quando cruzei novamente com o aparador de cerca, ele me disse:

— Se lhe interessam ciganos, lá está, é claro, a velha Sra. Lee. O Major lhe dá um chalé para morar.

— Quem é o Major? — perguntei.

Ele respondeu, com ar de surpresa: — Evidentemente, o Major Phillipot. — Pareceu muito admirado com a minha pergunta. Concluí que o Major Phillipot devia ser um deus na localidade. A Sra. Lee era, segundo suponho, uma de suas dependentes de cuja subsistência se encarregava. Os Phillipots devem ter sempre morado por ali e, mais ou menos, mandavam na localidade.

Ao me despedir do velho, ele me disse:

— Ela ocupa o último chalé, ao fim da rua. Provavelmente o senhor a encontrará do lado de fora. Não gosta do interior de casas. É o que acontece com quem possui sangue cigano.

E assim lá estava eu, vagando pela estrada, assobiando e pensando no Campo do Cigano. Já me havia quase esquecido do que ouvira, quando notei uma mulher idosa, alta e de cabelos negros, fitando-me por sobre uma cerca de jardim. Vi logo que devia ser a Sra. Lee. Parei e a ela me dirigi.

— Disseram-me que a senhora me podia dar informações completas a

respeito do Campo do Cigano, lá em cima — disse eu.

Ela me encarou através de uma franja emaranhada de cabelos negros e disse:

— Não se envolva nisso, meu jovem. Siga o meu conselho. Esqueça-se do assunto. Você é um rapaz simpático. Não sai nada de bom, nem jamais sairá, do Campo do Cigano.

— Verifico que ele está à venda — disse eu.

— Está, é verdade, e tolo será quem o comprar.

— Quem é o provável comprador?

— Há um construtor interessado. Mais de um. Vai ser vendido barato. Verá.

— Por que será vendido barato? — perguntei, cheio de curiosidade. — Tem uma bela situação.

Não recebi resposta a essa pergunta.

— Admitamos que o comprador o adquira barato. Que irá fazer com ele?

Ela deu um risinho discreto, malicioso e desagradável.

— Pôr abaixo a velha casa em ruínas e, evidentemente, construir vinte, talvez trinta casas, todas carregando uma maldição.

Não fiz caso da última parte da frase e, antes que me pudesse deter, exclamei:

— Seria uma pena! Uma grande pena!

— Ora! Não se preocupe. Nenhum prazer daí lhes advirá, nem aos que comprarem, nem aos que assentarem os tijolos e a argamassa. Será um pé a escorregar na escada, um caminhão a se espatifar com a carga e uma ardósia a cair do teto em alvo certo. E as árvores também. Quem sabe se um desabamento produzido por súbita ventania. Ah! Você verá! Você verá! — ela sacudiu vigorosamente a cabeça e depois murmurou: — *Não há felicidade para quem se imiscui no Campo do Cigano.* Nunca houve.

Eu ri e ela falou rispidamente:

— Não se ria, meu rapaz. Talvez algum dia você venha a rir do lado errado da boca. Não houve jamais qualquer felicidade ali, nem na casa, nem nas terras.

— Que aconteceu com a casa? — perguntei. — Por que tem estado vazia há tanto tempo? Por que a deixaram cair aos pedaços?

— Morreram as últimas pessoas que lá moravam, todas elas.

— Como morreram? — perguntei por curiosidade.

— É melhor não falar mais nisso. O certo é que depois ninguém nela quis morar. Deixaram-na mofar e cair em ruínas. Agora já está tudo esquecido e é melhor que assim fique.

— Mas a senhora poderia contar-me a história — disse eu, procurando engambelá-la. — A senhora sabe tudo a esse respeito.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

